

# **A ANGÚSTIA COMO PROPICIADORA DE UM ENCONTRO COM O EU AUTÊNTICO NA ÓTICA REFLEXIVA DE SOREN AABYE KIERKEGAARD**

**Danilo Chaves Pires<sup>1</sup>**  
**Ednaldo Maximiano da Silva<sup>2</sup>**  
**Maria Inácia Lopes<sup>3</sup>**

“A real aprendizagem da angústia representa o supremo saber”.  
“O melhor que se pode fazer por outra pessoa é torná-la inquieta”. (Kierkegaard)

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo refletir a angústia como propiciadora de um encontro com o eu autêntico no pensamento do filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard. A angústia é aqui apresentada como um sentimento positivo que permite ao indivíduo trabalhar suas contradições e desequilíbrios internos em vista da realização de sua existência de modo autêntico. Alguns elementos como pecado, subjetividade, liberdade e possibilidade são relacionados à angústia que acompanham o homem em todos os momentos de sua vida. É apresentada também a ética em Kierkegaard paralelamente à ética socrática enquanto fomentadoras de uma existência que busca realizar-se plenamente na felicidade. O encontro com o eu autêntico se dá na medida em que o indivíduo trabalha seriamente o “si mesmo” diante de todas as possibilidades e desencontros que surgem no caminho, aceitando-os como pertencentes à condição humana.

Palavras-chave: Existência; Angústia; Possibilidade; Ética; Eu Autêntico.

## **INTRODUÇÃO**

O tema da angústia possui relevância para o ser humano de todos os tempos, e de modo particular para o homem contemporâneo. Num período em que a filosofia enveredava pelo caminho da objetividade e universalização dos conceitos, Kierkegaard chama a atenção para o indivíduo singular que, acima de toda reflexão universal abstrata, traz em si questões que devem ser observadas subjetivamente e clama por um acolhimento da sua particularidade humana que passa por tormentos não tão fáceis de serem diagnosticados.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis

<sup>2</sup> Especialista em Ensino de Filosofia e História, Psicopedagogia, Educação a Distância e professor da Faculdade Católica de Anápolis

<sup>3</sup> Mestre em Ciências da Educação Superior e Vice-Diretora Acadêmica da Faculdade Católica de Anápolis

A angústia, de fato, é um drama para o ser humano que deseja construir sua existência num padrão de vida feliz e realizada, e que carrega consigo inquietudes das quais deseja livrar-se. Kierkegaard introduz uma perspectiva de extrema importância para que o homem trabalhe seus tormentos internos com uma consciência clara daquilo que o leva a se atormentar. Mostra que o homem está sujeito a sofrer a angústia diante das possibilidades que se apresentam e que, para realizar-se como ser autêntico, não pode esquivar-se a isso, sob pena de submergir numa vida inautêntica. O que propõe não é uma visão pessimista da vida, mas uma visão cuja sobriedade insta o indivíduo a sair de uma falsa concepção tranqüila da existência, em conformidade com os costumes superficiais da sociedade, distantes do eu autêntico.

A concepção de angústia que para Kierkegaard é um sentimento positivo, será analisada como sendo capaz de proporcionar ao indivíduo que por ela passa a posse de uma existência profunda, que assume o eu com a tarefa de realizar-se, afastando-se da resignação de uma vida superficial e sem sentido. O homem que deseja realmente assumir essa tarefa de realizar a própria existência não tem alternativa senão o aventurar-se na angústia para nela encontrar o supremo saber. Por mais que queira evitá-la, jamais alguém poderia ver-se livre da angústia.

A obra *O conceito de Angústia* será utilizada como base para essa pesquisa. Nela, Kierkegaard de maneira profunda e minuciosa, apresenta o conceito de angústia que aflige o indivíduo em algumas dimensões da existência como pecado, arrependimento, inocência, liberdade, possibilidade etc, mostrando que não se relaciona com nenhum sentimento específico, mas atua no terreno da liberdade como possível. Tal possibilidade será apresentada como raiz da angústia, a qual entra na condição de indeterminação dentro dos acontecimentos.

## **A ANGÚSTIA NA VIDA DE SÖREN KIERKEGAARD**

Reconhecido como o precursor do Existencialismo, Soren Aabye Kierkegaard desenvolveu o tema da angústia com profundidade e maestria incomparáveis. Sua obra foi certamente a expressão da sua pessoa, alguém que viveu uma existência conturbada desde a infância. Considerado “filho da velhice”, Kierkegaard recebeu uma educação demasiadamente severa de um pai desesperado e atormentado por outrora ter amaldiçoado a Deus e de quem esperava receber, a qualquer momento, uma punição. Fora forçado desde cedo a portar-se com escrupuloso comportamento, orientado por uma radical prática religiosa determinada

pelo pai. Embora este procurasse oferecer-lhe uma educação cuidadosa, não foi poupado de ser atingido pela angústia e pelo sentimento de culpa, marcados pela idéia do castigo divino que sobre si atraía, e do qual seria liberto na medida em que direcionasse suas súplicas para aplacar a ira divina. Atitude trágica para uma criança que absorvia esse estranho comportamento, quando deveria conviver com colegas de sua idade e seguir os seus costumes. Até as roupas que vestia eram de estilo adulto, abotoadas até o pescoço, impróprias a uma criança. Seus modos antiquados de vestir-se caracterizavam-no como um “velho”.

Além disso, trazia consigo uma deficiência que o tornou corcunda e que, além de lhe causar constrangimento, despertava nos colegas e demais pessoas uma curiosidade para com aquele que era visto como um ser estranho e de costumes incomuns. O Cristianismo que o pai lhe apresentara não era o da esperança, da misericórdia e da confiança, mas o do desespero e da angústia que nos impele a buscar a salvação através de uma fé incapaz de socorrer. Desse modo, Kierkegaard, crescendo num ambiente opressor espiritual e moralmente imposto pelo pai, absorve dele um estilo melancólico e desesperado de vida. Ele mesmo relata isso acerca de sua infância:

Minha vida começou por uma terrível melancolia, foi perturbada desde minha primeira infância em sua base mais profunda - uma melancolia que durante algum tempo me precipitou no pecado e na devassidão e, no entanto, humanamente falando, era quase mais insensata que culpada.  
(KIERKEGAARD, apud FARAGO, 2006, p.26).

O relacionamento com sua mãe, Ana Kierkegaard, era vivido no amor recíproco. Embora tivesse recebido dela o amor necessário a uma criança, ela esteve ausente de todas as páginas que escreveu. Segundo France Farago (2006, p. 27), isso ocorreu porque o horizonte dela “estava limitado aos assuntos domésticos aos quais se entregava com amor, mas sem que isso significasse a menor atração para o jovem”. O fato que posteriormente descobriria, que sua mãe havia sido uma doméstica com quem seu pai se relacionara, exerceu sobre ele um considerável impacto, e pode ter contribuído também para o silêncio em relação à mãe. A obra de Kierkegaard nos parece ter sido um reflexo de sua experiência existencial, através da qual refundou na própria carne a vivência da angústia como sinal de uma vida marcada pelo dilaceramento e pela contradição. Nele, a reflexão intelectual é inseparável de uma atitude espiritual vivida por um ser particular, único e singular, que não pode ser comparada a nenhuma outra. Seu pensamento acerca da angústia engendrou sua obra, e a ela deu vida. Foi, sem dúvida, um dos filósofos que pesquisou com mais amplitude esse tema, deixando escritos de grande profundidade, uma vez que vivenciou a angústia em sua própria existência.

Era dotado de boa base religiosa, o que lhe favorecia uma agudez de espírito e sensibilidade psicológica para compreender as questões do indivíduo. Kierkegaard passou pelo processo de angústia de maneira profunda, e afirmava que a humanidade inteira de um modo ou de outro padeceria desse fenômeno, que apesar de implacável, seria muito proveitoso ao indivíduo. De fato, diferentemente de outros modos de conceber a angústia, teorizados ao longo da história como, por exemplo, na Grécia, que via na angústia o sentimento diante de um destino trágico, ou para os judeus da antiguidade, que a entendiam como culpa frente à lei moral, Kierkegaard descrevia a angústia como um sentimento positivo, cuja força estava em levar o indivíduo à aquisição de uma existência autêntica e sábia, para o indivíduo que dela viesse a padecer.

A subjetividade é a maneira fundamental de relacionar com o ser, para que o sujeito se torne um indivíduo singular, a fim de que seja alguma coisa, ao invés de fixar-se numa objetividade cercada pelo determinismo.

Deixemos que este aventureiro siga o seu caminho sem nos preocupar saber se na realidade achou pânico; direi somente que aquela aprendizagem é uma aventura que nos faz preciso experimentar se não queremos a nossa perdição por jamais termos conhecido a angústia ou nela imergido. Eis a razão pela qual a real aprendizagem da angústia representa o supremo saber. (KIERKEGAARD, 1968, p. 157).

Dessa forma, para que o eu seja ele próprio, com uma existência autêntica, deve procurar sua veracidade. Experimentar a angústia é uma condição para que esse viajante encontre sua autenticidade, uma existência com sentido e não se perca nas obscuridades de uma vida perdida. É a partir dessa busca que faz de si mesmo que o indivíduo evita um aprisionamento nas imposições externas da sociedade e na redução a um mero conformismo comportamental. O aprendizado da angústia leva o viajante ao encontro de si mesmo, de sua verdade à qual deve aderir para uma existência singular e veraz. Portanto, com o desenvolvimento de uma consciência reflexiva, esforça-se por determinar a própria existência. A angústia nasce desse ato de reflexão em que o si mesmo começa advir, onde o eu autêntico aparece em sua subjetividade.

Na obra supra citada descreve o homem que ainda não está determinado como espírito. Até certo período da vida humana, não há ainda tal determinação, ainda que a alma esteja unida ao seu ser natural. Para ele, o ser humano é uma síntese de alma e corpo que se realiza quando se reúnem num terceiro termo: “O surgimento da angústia condensa o fulcro de toda questão; apenasmente, esta se torna inimaginável se ambos os elementos não se reunirem em um terceiro. O terceiro é o espírito”. (KIERKEGAARD, 1968, p. 47)

Neste processo de compreensão da angústia humana, preocupa-se em analisar a subjetividade e autenticidade, importantes elementos para estabelecer uma ligação com o espírito. Para ele a verdade é a subjetividade, pois cada indivíduo deve ser considerado em sua particularidade, sendo que nenhum indivíduo pode ser colocado no lugar de outro. Sua vivência apresenta um comportamento de compromisso e fidelidade consigo mesmo em assumir a própria subjetividade com todos os tormentos provenientes do seu interior. Ele dirigiu sua atenção para a existência, que é um nível específico do ser. A subjetividade se relaciona com a existência e esta conduz o homem a estar sempre diante de si, de sua consciência própria. O homem assume sua particularidade na medida em que está à frente de si mesmo, procurando determinar-se através de seus atos e de suas escolhas. O indivíduo deve passar por esse processo da escolha, deve escolher “o que pode e deseja ser ou (...) se tornará apenas um arremedo de subjetividade, uma cópia fiel do que a sociedade espera que ele seja”. (OLIVIÉRI, 2008, p.54-5).

O eu, segundo Kierkegaard, é uma relação que não se estabelece com algo que é alheio a si, mas a si próprio.

O eu, como subjetividade viva, é uma relação de dois termos, é uma síntese de alma e corpo. Porém, nessa simples relação, apenas colocado como síntese, o eu ainda não aparece. O eu não é simplesmente a relação entre a alma e o corpo, mas é a relação da alma e do corpo que “se relaciona reflexivamente consigo mesma por intermédio do espírito”. (FARAGO, 2006, p. 86) No momento em que a relação entre dois termos, (que é a síntese entre elementos como corpo e alma, temporal e eterno, liberdade e necessidade, os quais constituem o homem) conhece a si própria, aí temos o eu. O eu do ser humano só aparece quando a síntese se reúne num terceiro termo. O terceiro termo é o espírito.

Analisando o ser humano em seu estado de inocência, Kierkegaard explica que o homem neste estado não é apenas animal, pois, se o fosse em algum período de sua existência, nunca se tornaria homem; isso porque ainda não é considerado como quem possui espírito. A inocência para ele é ignorância. O homem inocente não está determinado como espírito, não está ainda em condições de discernir entre o bem e o mal. Da mesma forma que Adão, o homem perde a inocência através da culpa.

Nesse estado de inocência, “existe calma e descanso; porém existe, ao mesmo tempo, outra coisa que, entretanto, não é perturbação nem luta (...) o que existe então? Nada” (KIERKERGAARD, 1968, p. 45). O efeito que produz esse nada é o nascimento da angústia. O mistério profundo da vida é que ela é, ao mesmo tempo, angústia. O espírito está presente, não obstante estar em condição de imediatidade, de sonho. Nessa condição o indivíduo projeta

a sua realidade num instante e a inocência vê diante de si esse nada. Nesse momento, o espírito age de modo a confundir a síntese entre alma e corpo que subsiste, mostrando-se como um poder inimigo, ainda que essa subsistência não seja corroborada pelo espírito. É o espírito quem constitui a relação, a síntese de alma e corpo.

O espírito se faz presente numa determinação de espírito sonhador, e tal realidade espiritual surge como algo que tenta a sua possibilidade, ao passo que desaparece no momento em que a queiramos captar.

O conceito de angústia, segundo o seu pensamento, não diz respeito a algo específico. Difere de outros conceitos como, por exemplo, o de temor, que se relaciona com o medo. A “angústia é a realidade da liberdade como puro possível” ( KIERKEGAARD 1968, p.45). O que caracteriza o surgimento da angústia é a realidade da possibilidade como um abismo diante do qual o olhar se encontra. Diante desse quadro, a concreção de uma possibilidade permite a manifestação do eu. A angústia é o lugar onde se abre uma gama de possibilidades.

O fato de o ser humano se encontrar diante de várias possibilidades, tendo que através delas concretizar sua existência, assumir uma postura frente ao si mesmo, leva-o ao processo de angústia. A possibilidade está sempre relacionada ao possível que não necessariamente irá concretizar-se do modo como se espera. Por isso mantém-se na indeterminação de possível. O que mais importa é o indivíduo, e ele na medida em que escolhe com que e com quem ousa relacionar-se na própria existência.

Todo esse conjunto de possibilidades entra no terreno do indeterminado, que pode ou não realizar-se. Dentro daquilo que é possível tudo pode acontecer, tudo será igualmente possível. No entanto, tais possibilidades, que projetam o indivíduo para o futuro, uma vez que o indivíduo vive projetado para o futuro dessas realizações, não carregam em si garantias incontestáveis de êxito. Ao contrário, como possibilidades humanas, não oferecem nenhuma garantia de realização. Somente através de uma ilusão é que tais possibilidades se apresentam à imaginação como sendo agradáveis e vitoriosas. Nelas estão assinaladas as obscuras possibilidades de derrota ou fracasso.

Kierkegaard analisava o possível no seu aspecto ameaçador, negativo, vendo como aquilo que é impossível realizar-se. Essa existência como possibilidade é a raiz da angústia. A angústia é o sentimento puro da possibilidade, a qual se situa entre as características fundamentais da existência, e diz respeito ao relacionamento do homem com o mundo. Há um aspecto no possível que o caracteriza como “nadificante”, que o torna

incompleto, vazio, inacabado em suas relações consigo mesmo, com o outro, com o mundo e com Deus, intrincadas.

A situação do homem que se encontra em angústia constante da qual não consegue livrar-se, possui um comportamento peculiar no tocante à a-espiritualidade onde o homem possui uma relação com o espírito e essa relação caracteriza-se um nada, e isto constitui o mal nessa relação. “Por essa razão, a a-espiritualidade pode, em certa medida, desfrutar de todo o conteúdo do espírito porém não como tal, observa-se bem, e sim como mistificação”( KIERKEGAARD, 1968, p.99). O homem a-espiritual desfruta do mesmo conteúdo do espírito que os demais homens dotados de espírito; porém não o afirma em razão do espírito.

A pessoa que segue sua orientação na a-espiritualidade não conhece a angústia, pois vive de maneira feliz e contente para esse tipo de preocupação, e por ser por demais falha de espírito. Kierkegaard afirma que o paganismo é preferível à a-espiritualidade por ser esta uma verdadeira estagnação do espírito. O homem a-espiritual não é capaz de reconhecer uma autoridade, pois para ele ela não possui existência. Facilmente se deixa conduzir por ídolos, e por não possuir espírito torna-se um idólatra seguidor de heróis cretinos.

A complexidade da possibilidade relaciona-se também com a propriedade de formar o sujeito em sua infinitude. Define a possibilidade como uma difícil categoria justamente porque o homem constituído pela angústia é igualmente constituído pela possibilidade. A possibilidade leva o homem a um confronto com sua verdade interna, levando o indivíduo a assumir suas escolhas e construindo seu próprio caminho. Para muitos homens que pretendem atenuar a complexidade dessa categoria, o possível é considerado apenas como uma possibilidade de bem-estar, ou uma realização leviana e prazerosa de um comportamento ainda imaturo, que não é capaz de, em verdade, reconhecer o que seja o possível. O homem formado na possibilidade compreende que não deve apenas concebê-la como uma meta agradável na qual repousa a sua sorte, mas deve estar atento à sua imprevisibilidade implacável.

Quem é educado na escola da possibilidade reconhece que tudo é possível da mesma maneira, tanto uma situação de horror como algo positivo. A esse respeito, escreve “Na possibilidade tudo é de tal modo possível e o homem realmente educado por ela compreendeu o seu horror pelo menos tão bem como os apelos alegres”.(1968,p. 158)

Kierkegaard, em *O conceito de Angústia* (1968), interroga sobre o conceito de pecado original em relação ao pecado de Adão e se ambos teriam alguma semelhança. Seu raciocínio encontra obstáculo nessa explicação sobre a queda, que foi dada ao longo da

tradição, a partir da qual um novo estado, ou seja, uma nova condição do homem - condição de pecado resultante de sua opção de ir contra a orientação divina - foi instaurada após o ato da queda no pecado original. Com esse questionamento indaga se um estado anterior teria de fato existido algum dia sobre a superfície da terra, para que seja legítima uma averiguação de sua possível extinção.

Para ele, tais explicações esboçam o caráter imaginário da história da humanidade, o que fez com que Adão dela fosse exilado. Para ele, essas explicações eram destituídas de conteúdo racional, tratando-se de meras invenções.

Indaga também a respeito da relação entre o pecado original e o primeiro pecado, e como se dá a participação do homem nele diante da influência de Adão, como fundamento de sua queda, ou se a participação do homem se dá mediante sua própria pecabilidade:

Os conceitos serão diferentes de pecado original e de primeiro pecado de tal modo que o indivíduo participe daquele apenas pela sua relação com Adão e não pela sua relação primitiva com o pecado? Se verdadeiro, novamente estamos a exilar de modo imaginário Adão para fora da história e o seu pecado seria mais do que pretérito (...). O pecado original seria o presente, a pecabilidade, e Adão o único ser em que esta não teria existido, pois dele foi que nasceu. Sem se tentar explicar o pecado de Adão, pretendeu-se achar o pecado original em suas consequências. ( KIERKEGAARD, 1968, p.30).

Adão não é distinto dos demais indivíduos do gênero humano, dessa forma ele participa da condição de pecado como todo indivíduo, pois cada um é afetado na sua essência pela sua própria história.

Para a dogmática tradicional, o primeiro pecado de Adão é diferente do pecado dos outros homens, pois o seu foi a gênese da pecabilidade; se isso fosse como pretendiam, Adão seria desligado do gênero humano. “O pecado original define-se pela qualidade: é o pecado” (KIERKEGAARD, 1968, p.34). Seria um escândalo para a razão intentar oferecer uma explicação acerca da relação quantitativa do pecado que produz uma qualidade diferente da do primeiro, como se fosse possível, de maneira lógica, a uma determinação quantitativa acrescentar uma qualidade nova. Kierkegaard considerou essa conclusão como uma idéia supersticiosa.

Kierkegaard propõe a pergunta se há alguma diferença entre a inocência de Adão e a dos homens. Para ele, a angústia formada na inocência não constitui uma culpa, ou um sofrimento em oposição à inocência. Mesmo na criança a angústia é fundamental, e ela sente-se “encantada” com essa inquietação. Em povos nos quais a infância manifesta uma atitude fantasista do espírito, está presente a angústia, e sua profundidade significa a medida de profundidade entre esses povos. Na Grécia, por exemplo, a infância não era separada da



educação. O desenvolvimento intelectual somado ao desenvolvimento do espírito constituía o ser grego. O modelo pedagógico espalhava-se na poesia narrativa mítico-mística de deuses, semideuses (heróis), monstros e os homens.

Na inocência, o espírito que, como foi referido, é o elemento que constitui a síntese constitutiva do eu, faz-se presente, porém, em estado de imediatidade. Esse espírito provoca uma confusão na relação da alma e do corpo que, no entanto, possui a subsistência que somente por meio do espírito pode ser obtida. A relação do homem com o espírito e do espírito com ele mesmo é a angústia. Mesmo nesse estado, o espírito, embora estando presente, não está contente consigo mesmo na medida enquanto o eu é exterior a si mesmo. Assim Kierkegaard (1968, p. 47) se expressa em relação a esse homem em estado de inocência:

Neste instante, o homem ainda está em inocência, porém é bastante uma palavra a fim de que a ignorância se condense. Termo evidentemente enigmático para a inocência, porém a angústia recebeu desse modo a sua primeira presa e, em lugar do nada, tem uma palavra misteriosa.

No estado em que a inocência chega ao seu ponto máximo - visto que neste estágio a relação entre alma e corpo é confundida por não possuir ainda a subsistência por meio do espírito-, o homem ao mesmo tempo ama a angústia e foge dela. Aqui a inocência é ignorância, não como uma animalidade bruta, mas como angústia que se lança sobre o nada. Em *Gênesis*, diante da declaração da proibição de comer do fruto da Árvore do Bem e do Mal, Adão, pode-se dizer, desconhecia o conteúdo de tal linguagem. Kierkegaard desconstrói a idéia de que a proibição fez nascer nele o desejo de saborear do fruto; se tivesse ocorrido assim, em Adão não mais predominaria a ignorância, mas um conhecimento prévio, um saber: “efetivamente, seria necessário, em tal caso, que Adão conhecesse a liberdade, visto que seu desejo tinha de consistir exatamente em servir-se desta”. (KIERKEGAARD, 1968, p. 48).

A possibilidade da liberdade surge em Adão, quando ocorre o momento da proibição, o que o deixa inquieto. Essa possibilidade de poder que traz aflição a Adão é o que constitui o nada da angústia. O nada da inocência penetrou-o e conserva esse nada: a possibilidade de poder. Adão não tem consciência em relação ao que pode fazer, uma vez que prescinde da capacidade de discernir a diferença entre o bem e o mal.

Para Kierkegaard, a angústia não é uma categoria da liberdade nem da necessidade, senão de uma liberdade obstaculizada. Se o pecado tivesse entrado no mundo pela necessidade ou pelo livre arbítrio, não haveria a angústia. Explicar de maneira lógica a entrada do pecado no mundo seria uma grande estupidez.

Para refletir a ética kierkegaardiana relacionada ao tema da angústia é preciso percorrer o caminho, ainda que de maneira sintética, da ética socrática e sua busca em considerar o ser humano e seu modo de conduta como verdades a serem buscadas e como valores altamente certos e verdadeiros e que constituem os de uma vida melhor e mais feliz, longe das paixões do corpo e mais próximo aos preceitos da alma. Sócrates direciona a reflexão filosófica para o problema do homem, numa procura de conhecer sua essência, afastando-se da preocupação dos que o precederam, os chamados filósofos pré-socráticos. Estes investigaram exaustivamente a natureza e a realidade última das coisas através dos elementos físicos, donde conceituariam a *arché* de todas as coisas partindo de um elemento do qual se dava a origem de tudo, evidentemente dentre os quais o homem também estava incluído, mas seu interesse principal era a *physis*. O homem seria explicado por eles, pelo mesmo substrato ou pela mesma natureza, tendo nos elementos como o fogo, a água ou nos átomos as raízes de sua realidade física.

Tendo o homem o acesso ao conhecimento através de suas sensações, ele não mais terá a garantia de transmitir a outrem aquilo que recebera empiricamente. O que resta ao homem para caracterizar suas expressões são as palavras, como meio de atender seus interesses e necessidades. Estas, desligadas da *physis*, não expressam mais a alma das coisas, daí resulta que os valores humanos também vêm perder o caráter de absoluto e universal, tornando-se mera convenção, algo circunstancial e relativo. Essa era a situação cultural em que se encontrava a moral e os valores na Grécia daquele tempo, situação que fora iniciada séculos antes por uma valorização do homem que, na vida diária do grego, faz e altera as leis, fruto do regime democrático.

A visão de Sócrates incidia desde sempre ao problema ético-religioso. A respeito disso, Werner Jaeger assegura em sua obra *Paidéia* (2003, p. 518):

Não enxergamos em sua vida nenhum período que possamos considerar específico de um filósofo da natureza. A filosofia da natureza não tinha resposta para o problema que Sócrates guardava dentro de si e do qual tudo dependia, na sua opinião. Podia, por isso, deixá-la de lado. E a segurança com que desde o primeiro instante segue seu caminho é o sinal da sua grandeza.

Sócrates adota, no lugar da antiga filosofia da natureza, uma visão antropológica tendo como ponto de partida de suas conclusões o homem e o corpo humano. É na natureza do homem que encontra a base firme para sua análise da realidade. Ele tem como preocupação central levar o homem a fixar sua atenção em relação aos bens que mais aprecia, ou seja, os bens da alma. Sócrates exige que o homem dê prioridade aos bens superiores e

deixe de lado a preocupação com os ganhos materiais. Na *Apologia*, defende seu projeto de valorização da alma dizendo que não é dos haveres que provém a virtude para os homens, mas da virtude que originam os haveres e todos os outros bens particulares e públicos.

Sócrates entende que sua missão, realizada através dos diálogos, é levar os homens a alcançar uma inteligência, chegar ao conhecimento do que não se sabe e que corresponde aos valores supremos da vida, assuntos que carregam um valor infinito. O diálogo socrático tem como objetivo conduzir o homem para chegar a uma conduta correta e fazer com que o homem chegue a conhecer o bem, que para Sócrates está na base de todas as chamadas virtudes humanas que não é simplesmente fruto de um ato de sua inteligência, mas expressão do próprio ser interior do homem. Esse conhecimento está na raiz profunda da alma de forma que conhecer o bem implica necessariamente comportar-se de maneira virtuosa.

Mesmo que a maioria dos homens desconsidere com seu comportamento a tese do saber como virtude e que com sua experiência mostram que nem sempre o conhecimento do bem implica um comportamento de acordo com tal virtude, Sócrates não enxerga isso como refutação de sua tese. Para ele o fato de conhecer a virtude e o bem, é a base de todo pensamento e de toda conduta moral. O conhecimento desse bem, ao qual se reduz o estudo de todas as virtudes, é mais amplo do que as virtudes isoladamente, como a bravura, a justiça ou qualquer outra virtude. O conhecimento da virtude implica num conhecimento do bem em sua totalidade. Possuir as virtudes da bravura e da valentia consiste em ter o conhecimento do bem totalmente, e elas estarão ligadas às demais virtudes como justiça, moderação e piedade identificadas com essas ou pelo menos terão com elas alguma semelhança exterior. Sócrates não concebia o fato de alguém ser valente, possuir um grande valor pessoal e, contudo, ser imoderado, injusto ou ímpio, ainda que na nossa experiência moral verifiquemos frequentemente comportamentos semelhantes a estes.

Para Sócrates as virtudes são partes de uma única virtude universal e esta se faz presente e atua em cada uma das partes. A virtude é saber. O soldado valente, mas que age irrefletidamente ou com injustiça, poderá até ser um bom combatente nas armas, mas nunca será um homem virtuoso no combate de seus vícios e desregramentos internos. O homem que pratica a piedade com os deuses, que cumpre corretamente seus deveres religiosos, mas que seja fanático e desmedido para com seus semelhantes, não tem em si a verdadeira piedade.

Para a ética socrática, ninguém erra voluntariamente, se alguém faz o mal, o faz pelo fato de desconhecer o bem, por ignorá-lo. Para Sócrates seria uma contradição a vontade querer o mal, enquanto o reconhece claramente como tal. Como a vontade humana tem um sentido e, sendo racional se dirige para o bem, ela não pode desejar sua ruína ou destruição,

mas procura manter sua conservação e edificação. Como por sua natureza o homem procura sempre o bem, na realidade, quando procura ou faz o mal, não o faz por se tratar efetivamente do mal, mas por que deste mal ele espera extrair um bem. Quem faz o mal, faz por que ignora o que seja o bem.

O homem que é destinado a viver eticamente segundo o saber que adquire almejando uma vida virtuosa, tendo como escopo a prática do bem, tem nessa meta a finalidade de sua vida. A educação proposta por Sócrates tem em vista o *fim da vida*: a educação não se propõe simplesmente a um desenvolvimento de certas capacidades ou mesmo no acúmulo de certos conhecimentos. Para ele tudo isso é considerado um meio, uma fase intermediária no processo educacional. O sentido essencial da educação –*paidéia*– é possibilitar ao homem o alcance do fim autêntico de sua vida. .

Sócrates buscou atingir o nível da idealidade, especulando para além da finitude. Kierkegaard apresenta de modo semelhante o drama da existência humana que constitui uma relação com a transcendência, com o que está além de si mesmo. A partir dessa relação, surge a necessidade de apropriar-se de si mesmo, numa existência que exige de cada um o poder de decisão, numa ação interior da qual deve brotar o poder de decidir diante das possibilidades. O homem que se abre à dimensão ética da vida opta por si mesmo, consegue perceber no seu interior a injunção de se tornar um homem, assumindo conscientemente um compromisso com a existência.

O indivíduo movido pela compreensão ética opta por ele próprio como valor eterno e absoluto, muito além de escolher qualquer coisa finita, escolhe o “si mesmo” absoluto que é determinado como liberdade. O ato de segurar esse si mesmo como liberdade é a essência da ética, que é definida não de modo material ou formal, mas como o que através do qual a pessoa pode fazer para ser ela mesma, se livrando da imediatidade mortal. Mediante um salto na liberdade o “eu” é levado a uma descoberta de si como absoluto, eterno e infinito.

Kierkegaard reflete a vida ética que se relaciona com o *telos* absoluto - em última instância é através da fé que o homem faz a ligação com o ser, com a plenitude de vida. Para alcançar essa plenitude de vida, essa realidade teleológica que caracteriza a meta da existência, diferentemente de Sócrates em relação às obrigações que tinha para com o Estado, Kierkegaard não propõe de forma alguma uma retirada das obrigações da vida, ou mesmo uma fuga do enfrentamento das exigências pessoais e sociais com seus diversos conteúdos. A relação com a existência é assumida no sentido de realizar-se a si mesmo, levar a vida com seriedade numa tensão de optar pelo “si mesmo” na liberdade diante das inúmeras possibilidades que surgem. Dessa forma, tal dimensão ética não supõe um abster-se das

realidades concretas, mas significa assumi-las numa relação com a finitude que não rejeita suas implicações mais trágicas. Ainda que tais realidades se apresentem repletas de angústia e sofrimento, é preciso considerá-las como próprias da condição humana e aceitá-las corajosamente; negá-las é que constitui a infelicidade para o ser humano.

Para Kierkegaard, o sofrimento pelo qual passa o homem intrinsecamente ligado ao fato de existir e a angústia decorrente do processo de optar por realizar-se na liberdade, são realidades inelutáveis à condição humana, e não obstáculos para que ela chegue à sua meta plenificadora. Comentando sobre a visão socrática a respeito da interioridade e subjetividade, afirma que em Sócrates a possibilidade desse encontro com o “si mesmo” é realizada fora do outro, este compreendido pelo Estado, numa época em que era inconcebível um indivíduo se ver longe de suas obrigações como cidadão da *pólis*. Sócrates relata na *Apologia* que a missão que lhe fora confiada pelo divino o privava de tempo e oportunidade para dedicar-se ao Estado, por isso tinha de viver necessariamente uma vida privada.

Para o homem encontrar uma harmonia com o ser, na perspectiva socrática, ele deve possuir um domínio total sobre si próprio. A felicidade que o homem busca, está vinculada à lei que descobriu no conhecimento de sua alma, e não diz respeito a um equilíbrio no aspecto físico. Por isso que a felicidade, para a qual o homem é conduzido pela virtude ética que se encontra na alma, exige que as impulsividades da natureza física sejam manifestas por vícios, imoderações ou mesmo sofrimentos e angústias, sejam dominadas, tornadas impotentes, para que a harmonia da alma exerça seu controle sobre o ser. Para Sócrates é possível uma vida ética e mais feliz sem a angústia e o peso da existência. É possível que as eliminemos, ignorando o corpo e suas paixões, servindo só aos mandos e governo da alma; diferentemente de Kierkegaard para quem a angústia e todos os seus desdobramentos na existência são partes integrantes do homem e não devem ser abandonadas e sim vividas. Em Sócrates esta reflexão se dá em nível da culpa e em Kierkegaard pelo pecado.

Em *O Conceito de Angústia* (1968), Kierkegaard traz a reflexão da relação da angústia na realidade do pecado. Segundo ele, para a Ética, o pecado não constitui um estado, mas é a última aproximação psicológica do estado seguinte. A angústia daí para frente se apresenta como a possibilidade de um novo estado. O pecado praticado como uma realidade abusiva é estabelecido pelo arrependimento, que é responsável por provocar a tristeza com a sua presença.

O arrependimento acompanha o aumento do pecado, e a angústia vai à frente antecipando a consequência do pecado. Este pode manifestar-se tanto na sensualidade, no uso

da bebida como nas nossas inclinações superiores, no ódio, inveja, vaidade, altivez etc. Diante da consequência do pecado o vigor do arrependimento constitui a indicação de uma natureza profunda. Raras são as vezes que tal vigor é descoberto na existência, pois além de se deixar esconder, frequentemente o afasta, visto que se tomam sérias medidas para extirpá-lo da vida suprema.

O pecado é estabelecido no ser pelo arrependimento, e este é diminuído ao nível de possível com relação ao pecado. O arrependimento acompanha o pecado e sempre se apossa dele como sendo seu objeto, de maneira que, não podendo anulá-lo, apenas provoca-lhe tristeza com sua presença.

O homem se esforça desde sempre em dar sentido à sua existência, o que é possível na ótica de Kierkegaard somente na abertura ao que fundamenta sua vida. Para ele o homem vive numa constante situação de inquietude, de perturbação e desarmonia.

Diante desse estado de perturbação e desarmonia, o homem vive num estado de separação - de si mesmo, dos outros e de Deus -, sendo que esta deve ser considerada a sua situação original e que pode ser também uma fonte de suprema exigência de um encontro com o eu autêntico, com a vontade de ser si mesmo.

Somente passando pela angústia, que jamais abandona o indivíduo em quaisquer situações, é que este será, na possibilidade, formado em sua infinitude. Somente a angústia forma o homem completamente e, para isso, ele tem de aprender deparar-se com as implacáveis situações em que a angústia invade a pessoa e “jamais o deixa, nem nos prazeres, nem no íntimo da confusão, nem durante o serviço, nem de dia, nem de noite”. (KIERKEGAARD, 1968, p. 158). Justamente por ser constituído pelas infinitas possibilidades que o circunda, o homem constituído pela angústia em cada momento de sua vida é também simultaneamente constituído pela possibilidade. É certo que a maioria dos homens cria para si uma ilusão imaginativa de supostos possíveis belos e deliciosos que carecem de um fundamento sólido. Só se pode receber a lição do possível se o homem for honesto consigo mesmo e se tiver fé.

O homem que tem diante de si a responsabilidade de edificar-se, assumindo com responsabilidade suas escolhas por meio da liberdade, experimenta a angústia existencial. Segundo Kierkegaard, o homem que deseja ser ele mesmo, que se esforça por encontrar o sentido autêntico da existência, será tomado pela angústia. Quando a angústia se aproxima e o indivíduo permite sua companhia sem permitir que as ilusões e as falsidades tomem conta de si, ela se torna em “uma criada invisível que, ainda sem querer, o leva aonde pretende

ir”.(KIERKEGAARD, 1968, p. 160). A angústia, ao penetrar na alma, afasta, com todos os seus tormentos, as baixezas e finitudes para conduzir o homem até onde ele deseja. O homem cuja vida não foi constituída pelo possível e formada na angústia não terá sido completa, ainda que tenha sido aplaudido no tablado da história; de modo contrário, aquele que foi formado pela angústia, mesmo que estivesse distante de tudo, para o qual o acontecimento mais significativo era contemplar o vô de uma perdiz no mato, esse teria experimentado uma existência completa.

## CONCLUSÃO

No pensamento de Kierkegaard a angústia é um sentimento positivo que conduz o indivíduo a experimentar uma existência autêntica e repleta de sabedoria. O indivíduo que não se esquivava de passar pela angústia, mas sabiamente vai ao seu encontro ciente de seus tormentos, encaminha-se para a aquisição do supremo saber. Fugir ao aprendizado da angústia é optar por uma vida perdida, sem sentido. Tal experiência do aprendizado da angústia está relacionada às escolhas diante das inúmeras possibilidades da vida. Nesse sentido, o realizar-se como eu autêntico requer o desenvolvimento da subjetividade. Esta se configura na medida em que o eu escolhe o que deseja ser, trabalha seriamente na própria realização e alcança com clareza a consciência de si. Essa subjetividade é a maneira fundamental de relacionar-se com o ser. Kierkegaard define a verdade como subjetividade, pois o homem assume sua particularidade quando está à frente de si mesmo, na procura de uma autodeterminação através de suas escolhas.

Sócrates e de Kierkegaard direcionam o sentido da vida humana a uma vida plena com uma meta elevada. Sócrates estabelece a virtude como um resultado de uma educação para os bens superiores, o que significa que se devem buscar os bens da alma. Para atingir esses bens, deve-se arrancar toda espécie de vício ou desordem que seriam um obstáculo à finalidade da vida virtuosa. Nesse caso, os sofrimentos internos, incluindo a angústia, não podem permanecer numa alma que procura a verdade e a busca do bem supremo. Em Kierkegaard, a ética que conduz a uma plenitude de vida não prevê que os tormentos e angústias sejam empecilhos às virtudes, mas meios pelos quais se chega a uma vida autêntica. Essas adversidades devem ser aceitas corajosamente como próprias da condição humana, e negá-las pode constituir-se uma infelicidade para o ser humano.

Kierkegaard percorrendo acerca da angústia no indivíduo afirma que o homem vive num estado contínuo de perturbação e desarmonia, e isso favorece a vontade de ir à busca da realização do eu autêntico. Quando o homem trabalha na construção do eu, sem negligenciar nenhuma de suas contradições, assumindo seriamente o compromisso de construir o seu eu, ele apropria-se da existência e, desse modo, torna-se um ser autêntico na dimensão total do humano que implica a sua infinitude.

## ABSTRACT

This work aims to reflect the anguish as a pledge of an encounter with the authentic myself in the thought of Danish philosopher Soren Kierkegaard. Anguish is here presented as a positive feeling that allows the individual to work its contradictions and internal imbalances for the realization of its existence in an authentic way. Some elements such as sin, subjectivity, freedom and opportunity are related to the anguish which accompanies the man at all times of his life. It also presented the ethics in Kierkegaard parallel to Socratic ethics while promoting an existence that seeks to fulfill themselves in happiness. The encounter with the authentic self is given to the extent that the individual works seriously "yourself" before all the possibilities and failures that come your way, accepting them as belonging to the human condition.

Keywords: Existence; Anguish; Chance; Ethics; Authentic Myself.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FARAGO, France. *Compreender Kierkegaard*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006 (Série Complementar).
- JAEGER, Werner. *Paidéia, A Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- KIERKEGAARD, Sören. *O conceito de angústia*. São Paulo: Hemus, 1968.
- OLIVIÉRI, Maria de Fátima. *Angústia existencial: o papel fundamental do conceito de angústia no processo de construção da subjetividade humana sob a ótica reflexiva de Soren Aabye Kierkegaard*. Dissertação (mestrado)- Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2008 (Prelo).

## BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- KIERKEGAARD, Sören. *O Conceito de Ironia constantemente referido Sócrates*. 3º ed. Bragança Paulista, SP: Ed. Universitária São Francisco, 2006 (Col. Pensamento Humano).
- \_\_\_\_\_. *O desespero humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Col. Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. *Diário de um sedutor*. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Col. Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. *As obras do amor*. 2º ed. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 (Col. Pensamento Humano).
- \_\_\_\_\_. *Temor e Tremor*. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Col. Os Pensadores).